

# O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A) NA CRECHE

**NELCI SANTANA DA COSTA ROCHA**

*Nelci Santana da Costa Rocha atua como professora na rede municipal de ensino de Osasco.*

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo problematizar algumas questões que envolvem diretamente as práticas educativas da professora de creche. O eixo do artigo é a discussão sobre o processo de transformações que as creches, em especial do município de Osasco, vêm passando, visando a qualidade da educação sob a luz da formação das professoras.

## **PALAVRAS CHAVES**

Educação infantil. Creche. Professora da criança pequena. Formação.

## INTRODUÇÃO

A primeira creche registrada no Brasil, segundo Haddad (1991), foi inaugurada em 1899 no Rio de Janeiro e foi criada para atender os filhos das operárias da Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado. Essa etapa fica marcada, na história, como atendimento exclusivamente assistencial, portanto, com forte caráter assistencialista e filantrópico. Neste contexto, é compreensível a percepção que aquelas que atuavam nas creches eram reconhecidas como cuidadoras.

Apesar das lutas de mais de um século, não tem sido fácil romper com este estereótipo assistencialista para introduzir a compreensão da creche como um espaço educacional de socialização da criança pequena, no qual o cuidar e o educar caminham lado a lado, ou seja, são indissociáveis.

A creche hoje continua sendo uma necessidade dos pais, porém é, antes de tudo, um direito de toda e qualquer criança, independente de classe, gênero e etnia, como também um espaço de educação. O trabalho dos(as) profissionais de creche corresponde à assistência e à educação, cujo objetivo é o cuidar e o educar, pois são ações indissociáveis dentro das instituições de educação. É dessa forma que o atendimento oferecido compromete-se com o desenvolvimento da criança em seus aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais (BRASIL, 1996).

Na década de 50, o poder público mostrava preocupação com a infância através da lei brasileira de assistência. Nas décadas de 60 e 70 são introduzidas no currículo das creches as atividades pedagógicas. Nos anos 70 surge em São Paulo o movimento de lutas por creches, organizada por donas de casa, feministas, clube de mães, sociedade de amigos de bairro e partidos políticos. Nesse momento histórico a creche passa a ser um “direito” da criança e da mãe trabalhadora, não é um depósito, mas um espaço de educação.

Na década de 80 a movimentação em prol do direito à creche é de profissionais ligados à pesquisa e ao atendimento à infância. A luta sai das ruas e praças e ocupa associações, sindicatos, universidades, conselhos e órgãos oficiais. Em 1988, a carta magna (constituição federal) reconhece como um direito da criança pequena o acesso à educação em creches e pré-escolas (Art. 208; item IV), verdadeira conquista de todos os movimentos desde então, visando a ampliação da oferta de educação infantil e também para alterar a qualidade de atendimento. (BRASIL, 1988).

Nos anos 90, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei 8069/90 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 representam importante avanço no reconhecimento da educação como um direito da criança pequena, mas o espaço e a distância entre a legislação e as mudanças na prática ainda é grande. Pouco se alterou sobre a concepção das creches, faz-se ainda necessário uma forte e continua mobilização para que o direito conquistado na letra da lei se efetue na prática. Como explica a autora:

*[...] Primeiro porque representa um grande passo para a superação do caráter assistencialista predominante nos programas destinados à essa faixa etária. Segundo, porque cria a necessidade de formulação de uma*

*política nacional, estabelecendo diretrizes básicas para a implementação e desenvolvimento de programas de creches e pré-escolas no Brasil. Terceiro, porque corresponde a um princípio que vem sendo defendido por áreas ligadas ao movimento de mulheres, ou seja: a educação através da creche e pré-escola vinculada aos direitos das crianças e não da mãe trabalhadora ou da família pobre, fator tradicionalmente responsável por negligenciar as características específicas das crianças nesses programas. (HADDAD, 1991. p. 32).*

A rede de educação do município de Osasco, ao longo dos últimos anos e mais precisamente desde 2007, vem discutindo coletivamente a proposta curricular. As contribuições têm acontecido no sentido de que se construa uma proposta que contemple as nossas concepções de educação infantil.

Dessa forma, os espaços da educação para infância começaram a ter outros significados. À creche um novo desafio foi colocado: como transformar um espaço que até então era limitado unicamente ao “cuidar” em cuidar/educar? (OLIVEIRA, 2011, p.14).

A partir da década de 80 houve uma intensa movimentação na sociedade, como já citado nos parágrafos acima. É neste contexto que em Osasco, no início do ano de 2006, adotam-se ações para a melhoria da qualidade das creches e valorização dos docentes. Começa-se a repensar as ações nas instituições de educação infantil. Concomitantemente pensa-se sobre as condições da categoria docente e a formação em nível superior foi oferecida e garantida. Outra ação de suma importância nesse processo de formação foi a criação de momentos para reflexões coletivas, como o horário de trabalho pedagógico (HTP), que outrora era utilizada apenas no segmento do ensino fundamental.

A formação inicial da grande maioria das professoras<sup>12</sup> nos parece apresentar lacunas no que tange à educação infantil, em especial a creche, visto que historicamente esse segmento, hoje efetivamente da educação, passou por grandes transformações. Quando a professora daqui chega na creche e se depara com um ambiente onde a criança é o sujeito de sua aprendizagem e que para essa aprendizagem acontecer é necessário levar em conta todos os aspectos da vida, como, por exemplo, o controle dos esfíncteres anal e uretral, a docente fica espantada e o primeiro impulso é dizer “não estudei para limpar bunda”. Pensando na formação acadêmica desse docente, acredito que a construção de uma educação de qualidade se dá

*Por meio do encontro entre pessoas e ideias, novas práticas pedagógicas, novas histórias... que a escola contribua realmente para a formação integral da pessoa e a constituição de uma sociedade em que todos tenham oportunidades e direitos [...]. (CHRISTOV, 2012 p.30).*

Os referenciais curriculares nacionais para educação infantil (RECNEI), trazem a ideia do professor polivalente. “Ser polivalente significa que ao professor cabe

---

12 Usaremos o termo “professoras”, porém sabemos que há professor atuante nas creches.

trabalhar com conteúdos de naturezas diversas, que abrangem desde cuidados básicos essenciais, até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento” (BRASIL, 1998, p.41). Para elucidar a ideia de polivalência do professor da criança pequena como uma das características da identidade desse segmento da educação, a autora Ana Beatriz afirma que “é a pedagogia da educação infantil, portanto, que deve servir de indicador para a construção da identidade da profissão de professora de educação infantil, cuja meta é constituída pela educação e o cuidado das crianças pequenas” (CERISARA, 2002, p.101).

O trabalho na creche necessita de um conjunto de ações planejadas que contemplem uma formação voltada para o exercício da cidadania e, para isso acontecer efetivamente, há que se ter profissional que compreenda seu papel naquele ambiente com crianças pequenas. Brazílio e Kramer (2011) discutem bem as questões que envolvem as práticas na educação infantil (0 a 6 anos). Eles discorrem sobre os interesses velados que envolveram o uso de algumas expressões, conceitos e palavras para a creche como, por exemplo, “pedagógico”.

*[...] o que caracteriza o trabalho pedagógico é a experiência com o conhecimento científico e com a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a produção artística, histórica e cultural que se encontra nos museus, a arte. (BRAZÍLIO; KRAMER, 2011. p.69).*

Portanto, o trabalho pedagógico na creche deve ser uma ação intertransdisciplinar. Partindo desse pressuposto, acreditamos que o pedagógico somado à concepção da professora das crianças pequenas sobre a importância do trabalho na creche para a formação destas é capaz de favorecer o desenvolvimento global dos sujeitos envolvidos no processo, pois o conhecimento está intimamente atrelado às condições que são oferecidas, ou seja, conhecimento e desenvolvimento acontecem simultaneamente no sentido de construir a autonomia e transformar a criança em protagonista de sua história.

Na discussão sobre esse processo de educar e cuidar na creche não se deixa de fora a preocupação com os espaços e tempos de aprendizagem, participação das famílias, festas, planejamentos etc. Temos observado na rede de Osasco, através de seminários de práticas, que os espaços nas creches se apresentam como fundamental para o partilhamento de conhecimentos entre crianças e educadores(as).

As relações interpessoais que se estabelecem nas creches também devem ser o cerne das questões sobre qualidade na educação. O clima que se cria no ambiente é um dos fatores fundamentais a garantir a saúde das relações. Assim a autora afirma:

*As relações estabelecidas no interior das instituições, configuram-se como um elemento muito importante na garantia dos direitos fundamentais das crianças, uma vez que estas aprendem nas interações com os adultos e com seus pares. (MAUDONNET; MONÇÃO, 2012).*

Sendo assim, as relações interpessoais estão intimamente ligadas à qualidade das práticas educativas.

Percebe-se que as profissionais das creches se organizam para realizar os planejamentos, espaços, festas, organizar a participação das famílias, porém ainda falta consciência para que as ações sejam fundamentadas a partir das observações e registros realizados ao longo das semanas, como também nas bibliografias. "(...) A observação, por fim, é uma atitude educativa de respeito para com a criança, cujo comportamento e necessidades determinam o tipo de intervenção a ser realizada..." (MANTOVANI; RITA, p.86). Contrário a isso, o trabalho se torna rotineiro e de cunho tarefairo. Susanna e Rita desvelam a maneira fácil e prática da condução das ações na creche:

*[...] Quando o adulto aprende a ver a criança, sabendo que ela é um ser ativo, conseguirá mais facilmente notar como ela se relaciona com o espaço, com os objetos, com os outros, vai se dar conta de como acontece a interação com o grupo. A essa altura, e somente a essa altura, ele poderá programar a subdivisão dos grupos, a produção ou a aquisição dos materiais apropriados, a avaliação, a estimulação; tudo isso baseado em dados empíricos e não em hipóteses abstratas que, por sua vez, muitas vezes são emprestadas de outras faixas etárias ou de situações completamente diferentes daquelas das creches, sendo, por isso, diferente também o comportamento das crianças. (MANTOVANI; RITA, 1999, p.83).*

Essa fala nos coloca a refletir sobre a falta de pesquisas, dos registros e a importância dos mesmos para as ações com as crianças pequenas e a grande deficiência do exercício da ação-reflexão-ação. Freire (1996) nos encanta ao dizer que a pesquisa para o professor não deve ser mais um item para sua qualidade, mas tem que ser uma ação natural, cada professor deve se assumir como um pesquisador, deve ter sede de busca de indagar, pois as ações com as crianças pequenas exigem da professora uma polivalência que transcende as técnicas, exigem que sua prática seja permeada pela emoção, sensibilidade, percepção e clareza.

Temos a clareza de que o tempo, espaço, rotina, planejamento, motivação, escolhas, escutas, perguntas e o respeito às crianças são ferramentas em nossa prática educativa. Sendo assim a criança não pode ser vista como um "jarro vazio", mas sim como um ser em pleno desenvolvimento, um ser que aprende e ensina, um ser que já está inserido em uma sociedade.

Acreditamos que a criança pequena deve ser respeitada em todas as suas especificidades de criança pequena. Mello (2007) sugere que a educação infantil seja impregnada de ações que considerem o sujeito em sua plenitude de criança.

Neste artigo, buscamos socializar o desenvolvimento da nossa pesquisa de intervenção, voltada para a necessidade de constantes reflexões a respeito do compromisso da creche com seus espaços, nossas práticas e a formação continuada das professoras que são fatores fundamentais nas práticas educativas. O eixo central desta pesquisa é a prática educativa das professoras na creche e seu grande objetivo foi encontrar caminhos para traçar linhas de pensamento que

reconheçam a infância e suas especificidades e conseqüentemente a criança como sujeito do processo da educação básica, sujeito de seu conhecimento, respeitada em todas as suas especificidades de criança pequena.

Diante da proposta da reorientação curricular, começamos a repensar como seriam nossos espaços. Após várias discussões, hoje concebemos todos os espaços como facilitadores, auxiliares, ou seja, os espaços e os educadores possibilitam concomitantemente o desenvolvimento global da criança. Acreditamos que a socialização deve ser bem valorizada nos espaços de aprendizagem, pois esta acontecerá de qualquer forma, contudo sua qualidade depende da intervenção do adulto.

Esperamos, desse modo, contribuir para o debate sobre concepções e práticas educativas na creche, buscando a superação de paradigmas assistencialistas, reconstruindo as representações e as práticas docentes nos espaços da creche, de forma a promover uma educação de melhor qualidade aos meninos e meninas que a frequentam.

## **DESENVOLVIMENTO**

A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição de educação infantil – creche – situada na zona sul no município de Osasco. Acolhemos a questão sobre o papel da professora na creche como problema desencadeador do nosso projeto de pesquisa.

A creche onde ocorreu a pesquisa fica em um bairro essencialmente residencial, com boa infraestrutura, ruas asfaltadas, sinalizadas, com iluminação pública e saneamento básico. Possui poucos estabelecimentos comerciais, um asilo, uma unidade do Ministério da Fazenda etc. As crianças atendidas na creche são oriundas de famílias de trabalhadores da indústria e comércio da região. As casas próximas à creche, na sua maioria, são de pessoas de classe média, mas a creche atende fundamentalmente crianças que moram em uma área livre próxima.

Nesta creche foram entrevistadas, por meio de questionários, quatro professoras, de salas e períodos diferentes. Todas têm formação em nível superior, com um grau cultural relativamente bom, pois todas relatam que têm como atividade de lazer passeios em parques, shoppings e eventualmente o teatro. Ao longo dos meses foram realizadas observações e dinâmicas de grupo.

As observações se deram nas atividades com as crianças e nos HTPs. Junto às crianças observamos o desenvolvimento de trabalhos docentes distintos. Vemos professoras que procuram trabalhar na perspectiva dos novos rumos curriculares da rede municipal, recebem as crianças com alegria, fazem rodas de conversas para os combinados, planejam o dia ali no momento em que ele acontece, desenvolvem as atividades com a participação das crianças, não fazem por elas e sim com elas.

Há professoras incorporando mesmo aspectos da RECEI em suas ações, ainda mantêm alguns “costumes escolarizados”, utilizando a fila como meio de controle e em alguns casos não deixando a criança ser mais ativa nos processos educativos desenvolvidos.

E ainda há professoras que têm uma linha de trabalho mais mecanizada, têm um discurso interessante, mas não conseguem transpor seu discurso para a prática. São muito preocupadas com a higiene da criança, desenvolvem as atividades tendo como única preocupação aquele ser que está diante de si, quer deixá-lo limpo e alimentado. Ação que nos faz recordar do filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin.

Na dinâmica de grupo, na qual as professoras entrevistadas participaram, criamos um clima de debate aguçado por críticas e aceitações. Formamos sete grupos, cinco com questões para debaterem entre si e depois na grande roda. Os outros dois grupos ficaram com a responsabilidade de ser um a acusação e outro a defesa, sem que os demais soubessem. Após as discussões nos subgrupos iniciamos os debates, lembrando que os grupos de acusação e defesa tinham conhecimento de todas as questões. Essa dinâmica foi um exercício de autoavaliação para todas nós, pois possibilitou, através da recusa das colegas de acusação e até mesmo da defesa, percebermos nossos erros e acertos. Todas tiveram a oportunidade de se colocar e com clareza e ética criticar/elogiar a colega. Um ponto que observamos foi a demora do grupão em não perceber que se tratava de um jogo. Isso mostrou um pouco da fragilidade que temos diante de situações adversas, mas muitas se colocavam indignadas diante das falas e revelavam as ações negativas, suas e das colegas.

As expectativas dessas professoras em relação ao trabalho na creche se convergem em alguns aspectos, pois acreditam que ao mesmo tempo em que se ensina se aprende e que assim todos aprendem. Dentro de seus planos de trabalho demonstram coragem para desenvolver projetos que tenham como norte os aspectos da vida das crianças e suas vivências no cotidiano fora e dentro da creche. Contudo, nas observações realizadas no cotidiano de trabalho dessas professoras, percebeu-se que houve grandes avanços em várias áreas, apesar dos previsíveis entraves no desenvolvimento das práticas educativas.

Acreditamos que tais entraves partem fundamentalmente de três aspectos que indicam o desconhecimento que se tem sobre o papel da professora da criança pequena. Os dois primeiros, segundo a autora, são:

*[...] decorrentes das diferentes trajetórias que essas profissionais têm vivido. De um lado, mulheres quase sem qualificações, que inicialmente entraram para o mercado informal de trabalho desempenhando atividades como domésticas, serventes, vendedoras, ascensoristas, entre outras... por outro lado mulheres que tiveram sua formação em torno do universo escolar, cujo ponto de chegada era ser professora das séries iniciais...” (CERISARA, 2002, p.43).*

Por último, o aspecto sobre a ausência de formação continuada. Pensamos que a formação inicial bem fundamentada é importante, porém é na formação continuada que haverão subsídios para a prática educativa. Paulo Freire nos remete à necessidade de participarmos de formação continuada, pois esta nos subsidia para a prática educativa cotidiana.

*[...] precisamente porque a prática docente, sobretudo como a entendo, me coloca a possibilidade que devo estimular de perguntas várias, preciso me preparar ao máximo para, de outro, continuar sem mentir aos alunos, de outro, não ser de afirmar seguidamente que não sei. (FREIRE, 1996, p. 108).*

Atualmente vemos que a creche está em processo de construção de identidade enquanto espaço de educação básica, socialização e interação. No entanto, ainda presenciamos professoras na creche em conflito, percebemos que ainda não se reconhecem como professoras da criança pequena e se colocam como uma professora que só atende as questões do “ensino” ou professoras que se atentam apenas ao cuidar pelo cuidar (higiene, alimentação etc). Encontramos também professoras que têm um olhar aguçado às questões que envolvem aquela criança diante de si e a percebe como um ser em desenvolvimento e suas complexidades.

## CONCLUSÃO

Vimos que a creche, ao longo da história, passou e passa por grandes transformações, com a perspectiva de criar meios para que crianças e adultos possam partilhar do processo de aprendizagem de forma prazerosa. Houve grandes mudanças nas concepções e espaços sobre a creche e, apesar dos entraves, é a utopia que nos move na direção de uma educação de qualidade. Partindo desse pressuposto, concluímos que a criança não é o futuro, mas sim realidade presente.

*[...] Só assim a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim VIDA, aqui e agora. E é esta vida que precisa ser resgatada pela escola. Muito temos que caminhar para isso, mas é no hoje que vamos viabilizando esse sonho de amanhã. (WEFFORT, 1983, grifo da autora).*

Vimos que vários autores trazem importantes contribuições para o tema, como Brazílio e Kramer (2011), Weffort (1983) e Haddad (1991). E de modo especial e afetivo cito Maudonnet e Monção (2012), por sua trajetória e militância na educação infantil e discussões sobre a temática do papel da professora na creche. Percebe-se que há uma preocupação predominante sobre as constatações que comprovam a lacuna na formação inicial de algumas professoras de creche, no entanto, nas práticas de muitas delas a vontade de mudanças está latente, à espera de um incentivo. Cerisara (2002) traz para discussão um tema que ao longo dos anos desenrola-se morosamente e que tem repercussão direta na vida das professoras de creche. Segundo essa autora, a LDBEN limita por dez anos o prazo para a formação inicial em nível superior, porém o poder público não dá conta e delega às professoras essa responsabilidade de formação. Com isso as redes privadas oferecem cursos à revelia, muitos deles à distância, “(...) sem que uma qualidade mínima seja assegurada – concretizando um processo de certificação muito mais do que de formação.” (CERISARA, 2002, p.113).

Concluimos que, para haver uma efetiva mudança no pensar das professoras sobre a importância da formação para sua atuação ser de qualidade, transformadora, socializadora, se fazem necessárias discussões que emergem de vários âmbitos. Segundo Oliveira (2011, p.26), a formação continuada mostra efeitos positivos, pois aguça nas profissionais de educação o senso da crítica e, sobretudo, o sentido de seu trabalho.

Segundo Cerisara (2002, p.114), estamos perdendo a oportunidade de profissionalização das professoras de creche por conta da diluição que os decretos, pareceres e resoluções vêm sofrendo durante esse percurso na reforma educacional do país. Afirma também que cabe aos pesquisadores preocupados com a educação infantil continuar a luta pelos direitos da criança e pela profissionalização das professoras de creche. Com isso destacamos importantíssimas ações: implantação de políticas públicas e não de governo; ampliação do quadro funcional por meio de concursos públicos; formação continuada em serviço garantida para todos e com temas relevantes por segmento.

## **THE ROLE OF TEACHER IN THE DAYCARE**

**NELCI SANTANA DA COSTA ROCHA**

### **ABSTRACT**

This paper aims to present some issues that directly involve the educational practices of the teacher in the nursery. The axis of the article is a discussion of the process that transforms nurseries, especially in the city of Osasco, has experienced, seeking the quality of education in the light of the training of teachers.

### **KEYWORDS**

Early childhood education. Daycare. Teacher of small child. Training.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988. 168 p. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1033694/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988>>. Acesso em 22 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=23/12/1996&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=289>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. 3 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em 30 set. 2012.

BRAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. 4 ed. São Paulo, 2011.

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil**: entre o feminino e o profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (Org.). **Narrativas de educadores**: mistérios, metáforas e sentidos. São Paulo: Porto de Ideias, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADDAD, Lenira. **A creche em busca de identidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

MANTOVANI, Susanna; PERANI, Rita. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. **Proposições**, n. 28, 1999. p.75-98.

MAUDONNET, Vargas de Moraes; MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. **Políticas públicas para a primeira infância**: em foco os direitos fundamentais das crianças. Disponível em: <[http://pedagogiacomainfanciadotcom.files.wordpress.com/artigo\\_politicas\\_publicas\\_cidinha\\_janaina1.pdf](http://pedagogiacomainfanciadotcom.files.wordpress.com/artigo_politicas_publicas_cidinha_janaina1.pdf)>. Acesso em 03 nov. 2012.

MELLO, Suely Amaral. **Infância e humanização**: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007.

OLIVEIRA, Marinalva et al. (Orgs.). **Reorientação curricular da educação Infantil e ensino fundamental**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

WEFFORT, Madalena Freire. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.